

SEÇÃO  
DOSSIÊ

OS NÓS DA CIDADE CRIANÇA

THE BONDS AND US FROM THE CHILD TOWN

LOS BONOS Y NOSOTROS DE LA CIUDAD CRIANÇA

 [Tainá dos Santos Oliveira](#)<sup>1</sup>

Universidade Federal Fluminense (UFF),  
Rio de Janeiro, Brasil  
e-mail: tainacrj@gmail.com

<sup>1</sup> Possui Doutorado em Psicologia (2022) pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Pesquisa modos de habitar os espaços citadinos e suas articulações com Políticas públicas e do comum. Atualmente é Professora substituta no curso de Graduação em Psicologia da UFF implicada com a produção de ferramentas de ético-metodológicas de ensino e pesquisa racializadas.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:  
OLIVEIRA, Tainá dos Santos. Os Nós da Cidade Criança. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 221-225, jul. 2022.  
Submissão em: 17/11/2021. Aceito em: 21/03/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

De mãos dadas descemos a rua do país estrangeiro. O centro daquela cidade se parecia com todos os outros, todos os outros dois que já havíamos ido, ou assim indicavam meus olhos. Tinha um rio, um centro histórico, um museu, um memorial, uma parte gentrificada. Meu corpo pendia um pouco para baixo para que sua mão alcançasse a minha, tu havia insistido em andar no chão, o que me fazia arrastar o passo para que acompanhasse sua marcha infantil. Cantamos em um inglês fajuto uma música dos Beatles que você aprendeu na escola. Há dez anos você havia entrado na minha vida e só esta semana pronunciara meu nome com o acento no lugar correto, sem abreviar. Agora, insistia em andar a pé em um país de língua espanhola cantando música em inglês. O meu inglês aprendido em horas e horas de jogatina nos Nintendos acompanhada de dicionário, o seu esculpido nos espaços da nova escola bilíngue. Um não devia nada ao outro. Os dois ruins demais. Você me olhava séria quando eu adiantava o refrão tentando acelerar o passo e, de birra, arrastava ainda mais a língua no céu da boca ao pronunciar o *'Llllove'* no final da frase. Com nossos sotaques carregados, atravessávamos a encruzilhada, rasgando aos quatro ventos a língua da Rainha. A música conhecida demais para passar despercebida aos ouvidos desatentos, fazia eco na boca dos passantes.

O ciclista que vinha na contramão, com sorriso aberto, imita um trompete com a boca fazendo *'thuru-ru-ru-ru'* para te acompanhar. Dois minutos depois, uma senhora carregando um chihuahua no colo desce a rua na nossa direção murmurando a mesma música, bem na hora que você tentava encadear o *'learn'* com o *'How'* sem engolir ar ou engasgar fonemas. Ela te sorriu e completou a frase com um sotaque próprio. *'To be you in time'*. Eu não tive escolha a não ser finalizar o coro com *'It's easy'*.

Você olha para mim, assombrada. Uma ida à padaria virou uma versão latina de um musical romântico ruim. Pelo menos não é Almodóvar. Você não gosta de musicais em coro, mas os passantes não se importam e seguem ecoando a música que você puxou duas esquinas atrás. Tentei retomar o dueto, mudar de faixa para qualquer canção na língua que é nossa. Arranho um refrão te convidando com os olhos a me acompanhar. Mas você nega, conhece a língua, mas não sabe a letra. Prefere insistir na música estrangeira. Desta vez consegue pronunciar a frase inteira, sozinha e sem titubear. *'Nothing you can do, but you can learn how to be you in time. It's easy'*.

Chegamos a casa antes do final da canção. Porta adentro, você se prostra em frente a TV atrás de outra distração; passeia pelos canais, *incendio forestal*, muda canal, *joven muerto a tiros*, muda de canal, *alcalde intenta evitar la circulación de libros en...*, muda de canal, *compra cinco cuchillos y gana...*, muda de canal, *los nuevos participantes del reality show...*, muda de canal, *el botín del dictador será...* muda de canal. Na ante-sala, eu brigo com os cadarços desse sapato feito para o clima frio, escuto o ruído das notícias, e são todas parecidas demais com aquelas dos anos passados, todas parecidas demais com as veiculadas no país que deixamos para trás, tanto que, por um momento, me sinto em casa, por um momento, sinto mais de mil vidas entrecruzadas nesta casa.

Você finalmente acha o canal de desenhos e sorri, encantada pelas imagens animadas onde, diferente dos noticiários, a lição moral a ser transmitida é evidente,

independentemente da língua. Eu me joga no sofá tentando esquecer, tentando lembrar. Na cabeça ainda insiste a melodia da banda britânica. E só quando você me pede silêncio, com um ‘shiu’ malcriado que percebo que eu estava assobiando a canção. A repetição pegajosa do refrão quase me convence de que tudo que realmente precisamos é amor. Eu me deixo acreditar por uns minutos que podemos fazer casa. Aqui.

\*\*\*

Aqui. O dia nasceu meio cinza, morno, com gosto de promessa não cumprida. Antes de sair de casa vejo a data no calendário, já domingo. Dia de eleição. Vou arrancar a folha do calendário, calendário católico daqueles que sempre tem em casa de mãe. Eu leio a mensagem do verso como quem lê horóscopo ou as frases de biscoito da sorte. ‘Vamos repetir com as palavras, mas, sobretudo, com o testemunho de nossas vidas. Nós somos capazes de partilhar com os outros...’. Falta um pedaço da página, não sei como continua a frase, aquilo o que? O que somos capazes de partilhar? Retomo o início: ‘Vamos repetir com as palavras, mas, sobretudo com o testemunho de nossas vidas.’

Repito a frase em voz alta, cada vez num tom diferente, mais alto, mais grave, como quem pergunta, como quem ordena, como quem responde, ora acompanhada de gestos, ora imóvel – tentativa atea de traduzir a frase. Absorta no exercício, demoro a perceber que tenho plateia, duas crianças escoradas no batente da porta da cozinha sorriem para mim, riem de mim. Sorrio de volta enquanto noto que eles olham fixamente para o papel na minha mão. A mais atrevida diz: ‘o que é esta folhinha?’ ‘É um calendário, serve para contar o tempo.’ ‘Como relógio?’ ‘Sim, só que para dias. Este tem uma mensagem atrás.’ ‘Uma mensagem para a gente? Posso pegar uma?’. Aceno que sim com a cabeça. Tiro o calendário da parede, cada um puxa uma folha. Quando o fixo novamente na parede, o mais velho vira a folha de um lado e de outro e anuncia: ‘Não sei ler.’. Amassa a folha. O mais novo encara o calendário e sorri. ‘Veja, nós viajamos no tempo.’

\*\*\*

Aqui. Tonteadada por uma tristeza sem tamanho, enfrentando a dificuldade de viver no Brasil, tentando me fortalecer ao acompanhar a apuração da eleição entre amizades boêmias recém feitas. Mesmo que a derrota do nosso candidato estivesse anunciada, refazíamos juntas as apostas, reforçávamos nossos desejos e, de mãos dadas, combinamos ir à luta, combinamos de não morrer.

Perdemos.

Desisto de ficar ali. Cogitei mesmo abandonar tudo e fugir do país. Ao invés de correr para fazer as malas, saio de casa para comprar cigarros. No caminho, uma criança me interpela e pede dinheiro para jantar. Dinheiro que não tenho. Ela me olha nos olhos e pede o que eu não tenho para dar. ‘Não tenho dinheiro não, preta.’, respondo enquanto tateio os bolsos. E não tenho mesmo.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:  
OLIVEIRA, Tainá dos Santos. Os Nós da Cidade Criança. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 221-225, jul. 2022.  
Submissão em: 17/11/2021. Aceito em: 21/03/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Mas a criança não arreda o pé, fica lá me encarando enquanto eu abano as mãos e me pergunto o que esta criança está fazendo na rua aquela hora. Não parece morar na rua, a pele e as roupas estavam mais limpas que a minha, apenas com uma leve camada de poeira e suor, provavelmente resultado de um dia de brincadeira. Devia ter casa, é filha de alguém, devia estar em casa vendo filme escondida na madrugada em uma tevê chiada, jogando um jogo, brigando com a irmã, estas coisas que criança faz. Mas, em vez disso, estava lá reivindicando alimento aos bêbados da cidade. Meus olhos se fixam no rosto da menina. Ela falava com a boca um pouco fechada, para esconder o espaço do dente que faltava, os cachos do seu cabelo se enganchavam uns nos outros feito palha em ninho, era uma menina bonita.

‘Não tenho grana’, eu repito. ‘E aqui não é lugar de criança, não é melhor você voltar para casa?’. Mas a menina parece me ignorar e fica prostrada na minha frente. E repete: ‘Eu estou com fome, moça. Preciso jantar.’. Eu, cidadina que sou, já estou habituada com o olhar pedinte..., mas o jeito que ela me encarava, aqueles olhos amendoados, a cabeça erguida, o cabelo desgrenhado e a magreza altiva, eu não estava preparada para o que segue.

Foi como se ela tivesse ficado maior diante dos meus olhos, maior do que eu, não que tenha envelhecido, só crescia. ‘Eu estou com fome. Tenho que comer.’. Ela se transmuta na minha frente, se agiganta de um jeito que me amedronta. Ela virou uma criança grande, ou quem sabe eu tenha me tornado uma adulta miúda. Por pouco, não choro. A menina passa a me olhar de cima para baixo e seus olhos não pediam nada. Seus olhos exigiam tudo de mim. ‘Eu estou com fome. Tenho que comer.’.

Ela sabe que sozinha vai ser mais difícil alguém lhe dar atenção e, quiçá, dinheiro ou comida. Eu e você sabemos que sozinha quase tudo fica difícil. Quando ela me interpela e não arreda o pé, me obriga a segui-la na tarefa cotidiana e ingrata de aplacar sua fome. A exigência da criança estava clara agora, ela tem fome. Mas não quer nada de mim, ela quer comigo; não me pede ajuda, me exige solução. Ela tem que comer. Ela exige o que quer e eu entendo o que preciso fazer. Não há espaço para dúvida, ou eu fico, ou eu vou. A fome dela é minha responsabilidade também.

Ela segura minha mão, e só aí que percebo que eu havia estendido minha mão para ela. A mão dela é magra e áspera com dedos finos e pontudos que se escondem por entre os meus. As frases saem da minha boca vagorosamente, sem que eu reflita: ‘Se é fome que você tem, filha, nós vamos ter que arrumar algo para comer, né?’. Ela abre um sorriso e volta a ser miúda. E eu sou adulta novamente. Seguimos juntas pela rua, comparsas silenciosas. Sem garantia de que a cidade proverá algo que aplaque a fome, mas sobrevividas na aposta de que há partilha possível.

Vamos repetir com as palavras, mas, sobretudo, com o testemunho de nossas vidas. Nós somos capazes de partilhar com os outros... O acontecimento. O tempo. O presente. E talvez isso nos ampare, a nós, as crianças e a cidade.

Não é hora de fugir. Eu me deixo acreditar por uns minutos que podemos fazer casa. Aqui.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:  
OLIVEIRA, Tainá dos Santos. Os Nós da Cidade Criança. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 221-225, jul. 2022.  
Submissão em: 17/11/2021. Aceito em: 21/03/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons